
SORTES DE ÁFRICA, FRANÇA E BAHIA*

Gutemberg Guerra**

LACERDA, Nilma. *Sortes de Villamor*. São Paulo: Scipione, 2010.

Ao tocar no livro, o aveludado dos desenhos concêntricos na barra da capa anunciam que será mais do que os olhos a serem demandados para a leitura. As páginas folheadas rapidamente, prenunciam cores, poucas, porém mais do que as que costumam conter os livros acadêmicos. O fato é que os apelos foram sendo feitos e conduzindo ao interior desta estória que diz mais do que o sentimento primeiro prometia. *Sortes de Villamor* avança na tênue linha que separa (ou une?) ficção e realidade.

Conheço a professora Nilma Gonçalves Lacerda como tendo nascido e desenvolvido toda a sua atividade profissional no Rio de Janeiro, embora tenha conhecimento do mundo pelas inúmeras viagens que fez. Confesso ter bisbilhotado o seu Curriculum Lattes na Plataforma do CNPq tentando descobrir mais do que oferece sua breve não-apresentação no final do livro, espécie de enigma que solicita deciframento. Do pouco que tenho lido de sua vasta obra, surpreendo-me a cada vez como podemos ter autores tão densos e estarmos tão deles distantes pela ignorância e dificuldade de acesso ao livro neste país... Agora me chegam às mãos, por uma dessas sortes que talvez esteja nas linhas das minhas próprias mãos,

* Recebido em: 06.05.2011.

Aprovado em: 10.06.2011.

** Universidade Federal do Pará. *E-mail*: gguerra@ufpa.br.

Sortes de Villamor. Desembalei o volume enviado sob plástico de bolhas e, mais do que a proteção cuidadosa do livro, toquei os desenhos da capa, surpreendendo-me com a textura de veludo em ornamentos de labirintos. É de desvendar dois deles que trata a narrativa que remete ao existencial que rege o romance: Blanche de Villamor vem da França, é certo, mas tem um corte brusco com o seu passado com o qual tem dificuldades em retomar depois de adotada por Ismê Catureba; Caim de Node tem uma diferença com seu futuro, que constroi depois de sair das barras da saia de Ismê Catureba, esta que fazia destinos. Naufrágios reais ou imaginários separam pais e filhos e os une a uma mãe adotiva forte, determinada, perseguida e, embora dando tudo de si, vive infeliz com as sortes (ou azares?) que não consegue dar ou evitar aos filhos nem a si mesma.

O que dá graça e leveza a esta narrativa dramática, além do conteúdo fortemente existencial, são as falas. A principal delas vem de um narrador que se manifesta na primeira pessoa, revelando todas as contradições de personagem de uma Salvador da Bahia parada no tempo. Dá conta da história que marca a vida das pessoas como identidades construídas coletivamente. Em Salvador da Bahia não existem indivíduos, há personas, personagens que cumprem os seus destinos de obediências a santos e espíritos, ventos e astros, búzios e ervas. Em cada estória desta narrativa há uma partida infeliz que requer uma busca da felicidade cuja trajetória se embate com a força da mãe imperfeita por não ser a mãe natural, porém forte, por ter mantido a vida e dado os elementos fundamentais para que seus filhos continuassem existindo. Ismê Catureba não pare biologicamente, mas dá sopro de vida aos seus acolhidos e a eles atribui papéis, aqueles que entende ser os melhores para cada um deles, e sofre para que eles os cumpram para ser felizes.

Blanche de Villamor escreve sortes. É da letra incerta que constroi certezas como vaticínios de oráculo que se fez construir por saber escutar vozes interiores moldadas em livraria de um avô remoto.

Caim de Node, o narrador, vira quilombola e, discreto, permite-se poucas linhas de sua ação libertadora nos ambientes em que atuou. O que flui de mais forte no livro é o seu sentimento de igualdade e justiça, o que faz com elegante serenidade.

Ficção embebida de história, Nilma Gonçalves Lacerda revela o entrelaçamento de interesses de povos que disputaram a sorte do país que somos. Os erros entranhados na fala de Blanche de Villamor são tão negros quanto a ancestralidade marcada pela origem moura (os mouros na Europa medieval eram representados pelo fenótipo negro!). São porém, franceses

de raiz das pendengas e disputas que agitaram os séculos XVIII e XIX na Europa Central.

Sortes de Villamor tem seis capítulos chamados de livros, um epílogo e apêndices que dão pistas sobre o lugar em que a maior parte da estória se ambienta. Vozes do inconsciente disputam as consciências que se debatem entre o afeto da mãe que acolheu, amou e alimentou física e espiritualmente cada personagem. Diálogos adquirem dramaticidade pela proposta de ruptura entre ser o que se construiu socialmente, ou o que se é, com o ser o que se pretende por si mesmo, como se houvesse a possibilidade de não se cumprir papéis sociais nos grupos em que se vive. É uma estória que se pauta em moldes contemporâneos de afirmação da mulher, do negro, do indivíduo, do cidadão. É uma peça em que filhos e pais se enfrentam, passados, presentes e perspectivas de futuro se confrontam, perspectivas diferentes se projetam. Pode-se ver ali influência freudiana, mas com as sutilezas e mesclas de interpretações bem mais complexas do que se costuma por neste tipo de obra.

Religiosidade é um dos ingredientes da trama, em que pesem as sutilezas e máscaras que a tornam substrato importante, sem o maniqueísmo que demarcam as abordagens que utilizam este componente.

No fundo, o que me pareceu mais representativo é o fato de que há o reconhecimento da necessidade de se assumir parâmetros (paradigmas?) novos e que já estão dados, mas há formas de expressão do velho que perturba, provoca ruído, edita contradições que fazem que nada possa se fazer sem conflito e dor. Não há serenidade em nenhuma experiência que se faça na existência humana. O novo e o velho sempre se confrontam como bastantes em si mesmos, mesmo quando sejam reconhecidamente um e outro, complementos, incompletos. A carga dramática que Nilma Gonçalves Lacerda utiliza em *Sortes de Villamor*, na minha percepção, traz a dialética embutida em cada um dos seus elementos.

Ao fim da leitura, as frases ficaram ecoando, instigando-me e me pondo a refazer perguntas. Trouxeram-me à mente pessoas a quem eu deveria oferecer a obra: escritores ávidos de idéias novas, estudantes de literatura, amantes da boa leitura ficcional. Todos eles vão, com certeza, encontrar regalo nas linhas e entrelinhas de *Sortes de Villamor*.